

Cooperativas viram opção contra escola particular

Alessandra Augusta

A chegada do mês de dezembro traz uma preocupação adicional aos pais de alunos matriculados em escolas particulares, diante do aumento das mensalidades e da renovação da matrícula de seus filhos. O alto custo do ensino particular pressiona a escola pública que está sem condições de absorver os alunos excedentes. Diante desse impasse, o ministro da Educação, Murílio Hingel, aponta as cooperativas educacionais como uma alternativa para os pais que fogem dos altos preços das mensalidades e não conseguem vagas nas escolas públicas, para as quais ele vislumbra um futuro negro, no próximo ano, já que não terá condições de suprir a procura.

O ministro fez um apelo de estímulo às cooperativas educacionais: "Se pregamos a participação da comunidade na educação das crianças, eis aí uma iniciativa a ser incentivada. Afinal, guerra é guerra". Com as mensalidades ultrapassando, em muitas escolas, o valor de Cr\$ 1 milhão, a criação de cooperativas passou a ser uma alternativa real e começa a fazer parte do cenário da educação brasileira. Mesmo incipiente, contando apenas com aproximadamente cem escolas em todo o País, esse sistema tem dado bons resultados.

Modelo —O princípio de fun-

cionamento é praticamente idêntico, seja nas cooperativas de pais, professores ou mistas. São constituídas pela sociedade civil, sem qualquer apoio financeiro governamental, e não visam lucros, exceto pela economia com as mensalidades, sempre mais em conta. Nas cooperativas são os associados — pais, professores ou ambos — os responsáveis pela administração, podendo, dessa forma, dividir os custos igualmente, sem qualquer dúvida quanto à lisura do processo.

A Associação Centro Educacional João XXIII, no Rio de Janeiro, é um exemplo de cooperativa de pais que deu certo e mostra que a idéia não é tão nova. No próximo ano a associação completa 14 anos de existência. O valor das mensalidades na escola, em novembro, é de Cr\$ 550 mil, mesmo atendendo apenas 15 alunos por sala de aula. "Além da mensalidade ser mais baixa, a participação direta dos pais e as salas com poucos alunos garantem o alto padrão de qualidade do ensino", garante Linda Babo, diretora da escola.

Mensalidade —A assessoria de imprensa da Federação Interestadual das Escolas Particulares (FIEP) informa que não há condições de prever os índices das mensalidades a serem fixados para o próximo ano, nem mesmo é possível fornecer uma média dos valores hoje cobrados por seus associados. Essa, é a dificuldade

encontrada pelos pais a cada nova matrícula: nunca se sabe quanto vão pagar e se o valor cobrado é compatível com a planilha.

Esta semana, pressionado pelas inúmeras reclamações dos pais, o ministro Murílio Hingel sofreu para tentar montar um quadro dos índices de reajuste que as escolas pretendem cobrar no próximo ano, e teve de recorrer a um artifício. Em reunião com os delegados estaduais do MEC, Hingel solicitou um levantamento por escola em cada estado. As listas devem estar no MEC amanhã para que o ministro possa tentar, "não se sabe ainda como, evitar aumentos abusivos.

As escolas particulares, por sua vez, se sentem alvo e até mesmo vítimas da incapacidade do Governo em propiciar o acesso à educação básica, mesmo não abrindo mão de grandes lucros em alguns casos. O presidente do Sindicato das Escolas Particulares do DF (Sinepe), Oswaldo Saenger, diz que "se as escolas públicas atendessem às necessidades das crianças, tanto em número de vagas quanto em qualidade, a escola particular deixaria de ser uma agressão à sociedade e assumiria seu verdadeiro papel". Para Saenger, o maior problema e que se verifica com maior ênfase nesse período, é que a escola particular, ao contrário do que deveria ocorrer, não é uma alternativa para os pais e a sociedade, e sim uma necessidade".